temporada 2002

90 anos
SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Nikolai Lugansky

Piano

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

temporada —2002—

Mantenedores e Amigos da Sociedade de Cultura Artística

Mantenedores

Affonso Celso Pastore
Agência Estado
Alain J. Costilhes
Alberto Martins
Alberto Soares de Almeida
Alexandre Fix
Aluizio Rebello de Araújo
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Correa Meyer
Antonio Hermann D. M. de Azevedo
Arsenio Negro Jr.
Beatriz Botelho Hime
Bruno Licht
Carlos J. Rauscher
Carlos Nehring Neto
Cláudio Alberto Cury
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Eduardo Brenner
Erico Stickel
Felipe Arno
Fernando Carramaschi
George Gerard Arnhold
Gérard Loeb
Gian Carlo Gasperini
Henrique Brenner
Henrique Fix
Israel Vainboim
Jayme Blay
Jayme Sverner
Jorge Diamant
José e Priscila Goldenberg
José Carlos Moraes de Abreu
José E. Mindlin
José Luis de Freitas Valle
José M. Martinez Zaragoza
José M. Pinheiro Neto
José Roberto Opice
Lucília Diniz
Luis Stuhlberger
Luiz Rodrigues Corvo
Luiz Villares
Maria de Lourdes A. Machado
Maria Prudência de V. Resende
Mario Arthur Adler
Mauris Warchavchik
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
Nelson Nery Jr.
Nelson Zuanella
Oscar Vicente Ferro
Oswaldo Daunt Salles do Amaral
– In Memorian
Plínio José Marafon
Redegas Natural
Ricardo Augusto Gallo
Roberto e Yara Baumgart
Rosa Maria Z. Rinzler
Ruy e Célia Korbvicher
Sérgio Almeida de Oliveira
Tales P. Carvalho
Thomas Michael Lanz
Vavy Pacheco Borges
Wolfgang Knapp

1 Mantenedor anônimo

Amigos

Alberto Emanuel Whitaker
Alexandre Rauscher
Alice Alves de Lima
Amélia de Giacomo
Ana Maria L. V. Igel
Anna Maria Tuma Zacharias
André Jum Yassuda
André Luiz Shinji Hayata
Andrea Sandro Calabi
Angelo Franchini Neto
Antonio Carlos Pereira
Antonio Roque Citadini
Arnold Wald
BVDA / Brasil Verde Design
Carla Milano
Carlos P. Rauscher
Centauro Equip. de Cinema e Teatro
Claudia Lorch
Cláudio Halaban
Dario Chebel Labaki Neto
David Casemiro Moreira
Domingos Durant
Dora Halaban
Doris Alexander
Edith Ranzini
Edson Eidi Kumagai
Eduardo L. P. R. de Almeida
Eduardo e Lina Wurzman
Eduardo M. Zobaran
Eduardo Telles Pereira
Elio Sacco
Elisa Wolinec
Ester Zemel
Ezequiel Dutra
Fábio Konder Comparato
Felipe e Hilda Wroblenski
Fernando K. Lottemberg
Fernão Carlos B. Bracher
Francisco H. de Abreu Maffei
George Longo
Gerry Lingfield
Graziela Lafer Galvão
Gyorgy Böhn
Hannelore Kersten Wolff
– In Memorian
Heinz Jorg Gruber
Heloisa Lourdes Alves Motta
Heraldo Luis Marin
Hilda Mayer
Horácio Leirner
Horácio Mário Kleinman
Isabel Sobral
Jacques Siekierski
Jairo Cupertino
Jenny Musatti
João Baptista Raimo Jr.
Lea Regina Caffaro Terra
Lena Strumpf
Leon Reitzfeld
Leopoldina de Faria Ribeiro
Lia Fukui
Lilia Salomão
Livraria Cultura Editora
Lucila Pires Evangelista
Marcello Franco
Marcelo e Rita Secaff
Maria Angeles Fanta
Maria Antonieta Gunther
Maria Carolina Brando
Maria Cláudia Viana
Maria Cristina Viana Kuntz
Mário Higino N. M. Leonel
Marta D. Grostein
Martha E. de Souza Queiroz
Michelle Luigi Pennavaria
Miguy Azevedo Mattos Pimenta
Milu Villela
Morvan Figueiredo de Paula e Silva
Olga Tieppo
Oscar Lafer
Rafael Jordão Mota Vecchiatti
RCS Consultores
Regina Benna Zemel
Regina Sverner
Regina Weinberg
Rita de Cássia Caruso Cury
Roberto Bumagny
Roberto Calvo
Rubens Halaban
Rubens Muskat
Rui Fontana Lopez
Ruy Souza e Silva
Seiko Sato
Sérgio Leal Carvalho Guerreiro
Silvio Meyerhof
Tamas Makray
Tarcísio V. Ramos
Thomas Farkas
Walter Ceneviva
Wilson Carmignani

18 Amigos anônimos

Lista atualizada em 15/4/2002

temporada 2002

90 anos
SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Nikolai Lugansky
Piano

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

apoio institucional
Prefeitura do Município de São Paulo
Lei 010923/90

promoção
ELDORADO FM 92,9
OS MELHORES OUVINTES

patrocínio
BOVESPA Bolsa de Valores de São Paulo
CBLC Companhia Brasileira de Liquidação e Custódia
Telefônica
Votorantim

Nikolai Lugansky *Piano*

olai Lugansky
Piano

Russo nascido em Moscou em 1972, Nikolai Lugansky, aos cinco anos de idade, deixaria perplexos seus pais cientistas ao mostrar os primeiros sinais de uma extraordinária musicalidade inata. "Eu simplesmente estava predestinado a ser pianista", afirmou Lugansky em entrevista, ao lembrar-se do seguinte episódio de sua infância: em 1977, antes de aprender a ler música, ele sentou-se ao piano na casa de vizinhos de seus pais e tocou, de memória, uma Sonata de Beethoven que aprendera de ouvido. Logo a seguir teve suas primeiras aulas de piano, aos sete anos ingressou na Escola Central de Música de Moscou, onde foi aluno de Tatiana Kestner, e aos doze, ao ser admitido no Conservatório de Moscou, passaria a trabalhar com a lendária Tatiana Nikolaeva, sob cuja orientação permaneceu por quase uma década e que se tornou sua mais importante e duradoura influência. Com efeito, o pianista até hoje faz questão de lembrar, com admiração e respeito, da fortíssima personalidade e do refinado espírito de sua mestra, ao lado de quem passou centenas e centenas de horas ouvindo e fazendo música.

Nikolai Lugansky despontou no cenário pianístico mundial em 1988, com 16 anos de idade, ao obter a Medalha de Prata do VIII Concurso Internacional Bach de Leipzig. Em 1990 conquistou o Segundo Prêmio do Concurso Rachmaninoff de Moscou, dois anos depois foi agraciado com o Prêmio de Melhor Pianista da Academia Internacional de Verão do Mozarteum de Salzburgo e em 1994 sagrou-se vencedor do X Concurso Tchaikovsky Internacional de Piano de Moscou.

As circunstâncias de sua premiação nesse prestigioso certame foram especiais e tornaram sua conquista ainda mais significativa: em 1994, poucos meses depois de sofrer um acidente que lhe causara graves ferimentos nos pés e nas costas, Nikolai Lugansky decidiu inscrever-se no X Concurso Tchaikovsky. Como seus ferimentos haviam-no impedido de tocar por quase seis meses, o pianista intuiu que ao preparar-se para o evento poderia, ao mesmo tempo, voltar rápida e completamente à sua melhor forma.

Os resultados que alcançou deslumbraram o público e a crítica que acompanhavam a disputa, e sua apresentação na última etapa do Concurso motivaria o seguinte comentário da imprensa moscovita: "Foi como ter uma insolação, como levar um choque musical. Ninguém podia imaginar que aquele rapaz modesto, com sua aparência ascética, mas poética também, pudesse trazer na alma tamanho vulcão, cuja erupção sabia submeter a um controle inspirado e resoluto".

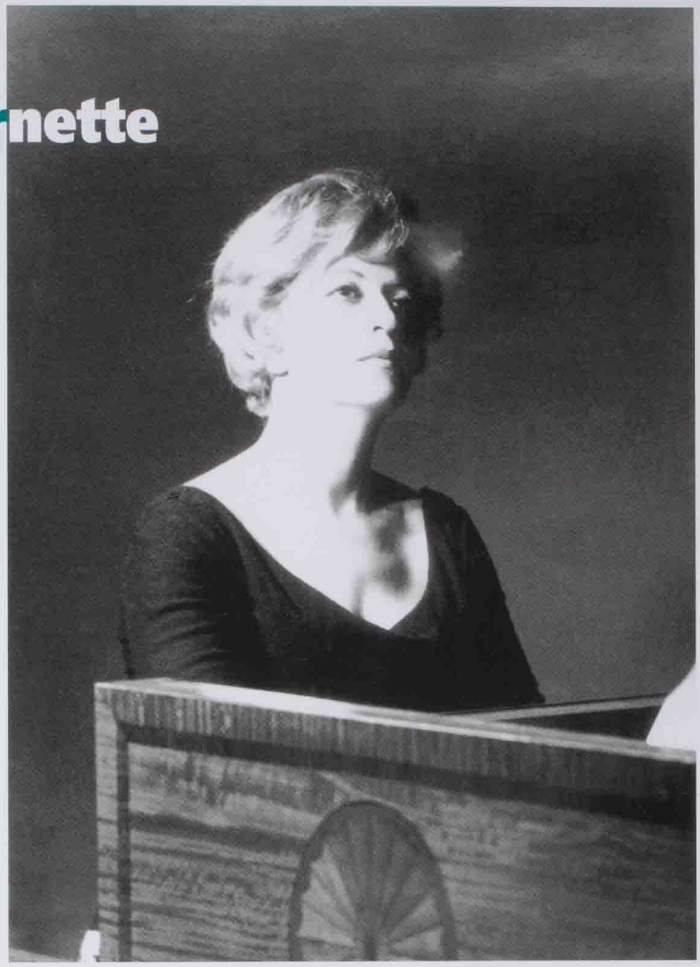
Com seu triunfo em Moscou, Nikolai Lugansky conquistou posição de destaque entre os pianistas de sua geração e em pouco tempo firmou-se como um dos mais extraordinários talentos de nossa época. Ao longo dos últimos cinco anos, o artista tem encantado o público e a crítica especializada com seus recitais e concertos nas melhores salas de música da Europa, do Japão e das Américas do Norte e do Sul. A discografia do pianista inclui mais de uma dezena de títulos, dentre os quais se destacam seu marcante registro dos Estudos de Chopin, agraciado com o *Diapason d'Or 2000* de Melhor Solista Instrumental, e o álbum Prelúdios e Seis Momentos Musicais, de Rachmaninoff, com o qual conquistou o *Diapason d'Or 2001*.

Agradecemos aos patrocinadores que nos prestigiaram nos últimos anos.

AFAA – Association Française d'Action Artistique
American Express
BankBoston
Bovespa – Bolsa de Valores de São Paulo
CBLC – Cia. Brasileira de Liquidação e Custódia
Cigna
Citibank
Daimler Chrysler
Eldorado FM
Indústrias Votorantim
Jornal O Estado de S. Paulo
KPMG
Pechiney
Pinheiro Neto Advogados
Semp Toshiba
Telefonica
Unibanco – Prever
Volkswagen
WestLB Banco Europeu

Yara Bernette

in memorian



O mundo musical perdeu, com a morte de Yara Bernette, uma das melhores pianistas brasileiras. Com uma vida dedicada à música, no Brasil e na Alemanha, ela desenvolveu através dos anos, além de suas inúmeras apresentações aqui e no exterior, um admirável trabalho pedagógico de teoria e prática musical que permitiu o surgimento de excelentes profissionais e enriqueceu o conhecimento e a fruição musical de um sem número de amadores.

Incansável em suas atividades, Yara Bernette tinha um espírito aberto a um ensinamento amplo, sem as restrições tão comuns em muitos professores. Isso lhe granjeou a admiração de todos que tiveram o privilégio de contato pessoal com ela. Dos ouvintes de seus concertos, nem se fala – todos aguardamos a edição, recentemente anunciada, de toda a sua obra pianística.

A Sociedade de Cultura Artística, de cujos programas Yara Bernette participou, não podia deixar de lhe prestar, no início desta Temporada, uma homenagem de admiração e reconhecimento por tudo quanto fez em prol do enriquecimento da vida artística brasileira.

Pessoalmente, desejo acrescentar que, além da homenagem à artista, quero manifestar o quanto representou para mim uma amizade de vida inteira com Yara Bernette. Todos vamos sentir muito sua falta.

José E. Mindlin
Presidente da Sociedade de Cultura Artística
abril de 2002

Série Branca

22 de abril, segunda-feira, 21h

Frédéric Chopin (1810 – 1849)

Noturno em Ré bemol maior, opus 27, nº 2

Lento sostenuto

Frédéric Chopin

Noturno em Dó menor, opus 48, nº 1

Lento

Frédéric Chopin

Doze Estudos opus 25

nº 1, em Lá bemol maior, Allegro sostenuto
nº 2, em Fá menor, Presto
nº 3, em Fá maior, Allegro
nº 4, em Lá menor, Agitato
nº 5, em Mi menor, Vivace
nº 6, em Sol sustenido menor, Allegro
nº 7, em Dó sustenido menor, Lento
nº 8, em Ré bemol maior, Vivace
nº 9, em Sol bemol maior, Allegro vivace
nº 10, em Si menor, Allegro con fuoco
nº 11, em Lá menor, Lento – Allegro con brio
nº 12, em Dó menor, Allegro molto, con fuoco

intervalo

Nikolai Medtner (1879 – 1951)

Três Peças de Vergessene Weisen, opus 38

Serge Rachmaninoff (1873 – 1943)

Seis Momentos Musicais, opus 16

nº 1, Andantino, em Si bemol maior
nº 2, Allegretto, em Mi bemol maior
nº 3, Andante cantabile, em Si menor
nº 4, Presto, em Mi bemol menor
nº 5, Adagio sostenuto, em Ré bemol maior
nº 6, Maestoso, em Dó maior

Série Azul

23 de abril, terça-feira, 21h

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)

Sonata em Fá maior, K.533 (com K.494)

Allegro
Andante
Rondo

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

Sonata nº 23, em Fá menor, opus 57 "Appassionata"

Allegro assai
Andante con moto
Allegro ma non tropo

intervalo

Johannes Brahms (1833 – 1897)

Klavierstücke opus 118

nº 1, Intermezzo
Allegro non assai, ma molto appassionato, em Lá menor

nº 2, Intermezzo
Andante terneramente, em Lá maior

nº 3, Ballade
Allegro energico, em Sol menor

nº 4, Intermezzo
Allegretto un poco agitato, em Fá menor

nº 5, Romanza
Andante, em Fá maior

nº 6, Intermezzo
Andante, largo e mesto, em Mi bemol menor

Frédéric Chopin (1810 – 1849)

Balada nº 3, em Lá bemol maior, opus 47

Frédéric Chopin

Balada nº 4, em Fá menor, opus 52

temporada 2002

Série Verde

24 de abril, quarta-feira, 21h

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)

Sonata em Fá maior, K.533 (com K.494)

Allegro
Andante
Rondo

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

Sonata nº 23, em Fá menor, opus 57 "Appassionata"

Allegro assai
Andante con moto
Allegro ma non tropo

intervalo

Johannes Brahms (1833 – 1897)

Klavierstücke opus 118

nº 1, Intermezzo
Allegro non assai, ma molto appassionato, em Lá menor

nº 2, Intermezzo
Andante terneramente, em Lá maior

nº 3, Ballade
Allegro energico, em Sol menor

nº 4, Intermezzo
Allegretto un poco agitato, em Fá menor

nº 5, Romanza
Andante, em Fá maior

nº 6, Intermezzo
Andante, largo e mesto, em Mi bemol menor

Frédéric Chopin (1810 – 1849)

Balada nº 3, em Lá bemol maior, opus 47

Frédéric Chopin

Balada nº 4, em Fá menor, opus 52

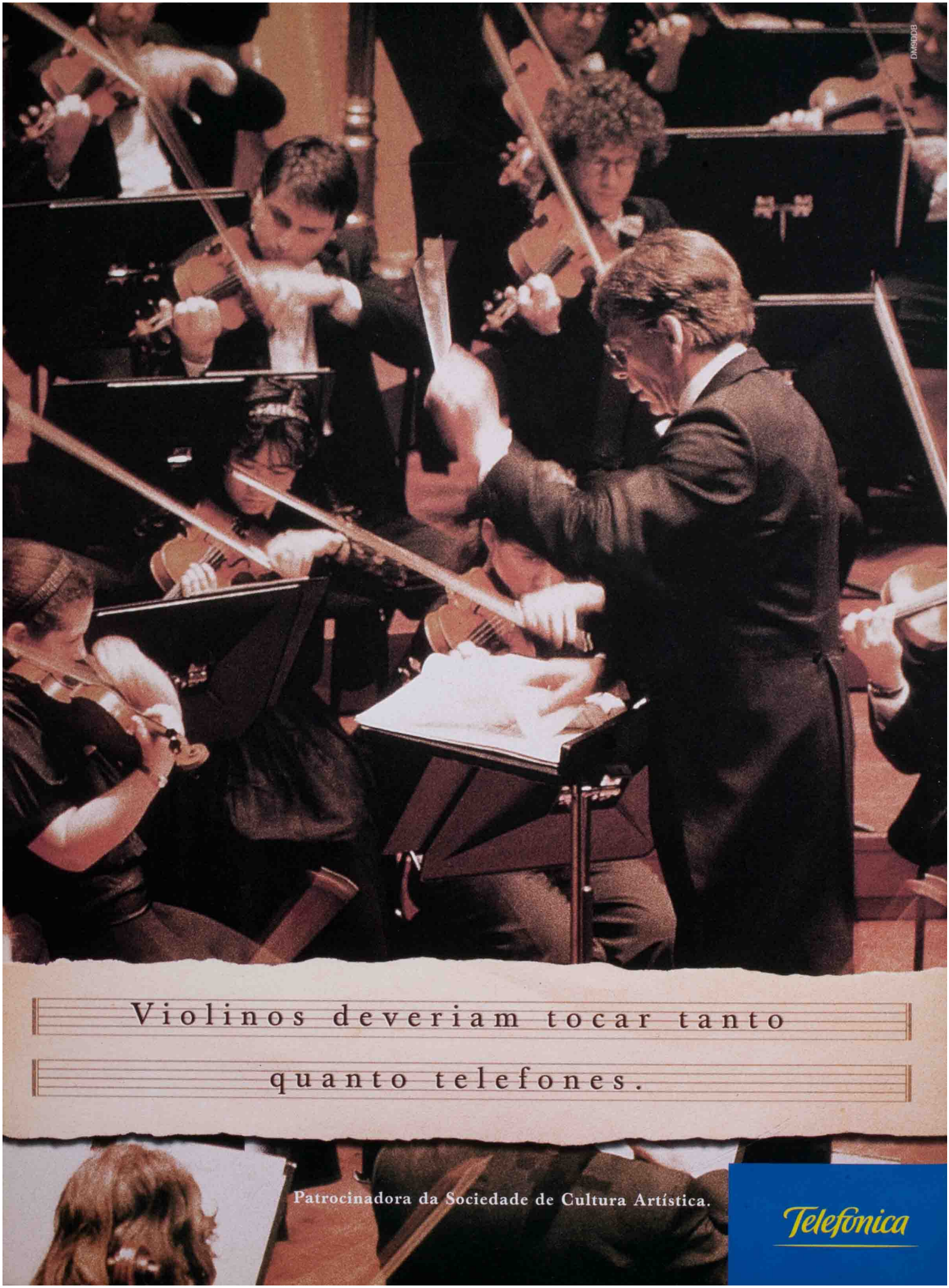
Próximos Concertos

Teatro Cultura Artística

Orchestre de Chambre de Lausanne
Christian Zacharias *Regência e Piano Solista*

13 de maio
Haydn Noturno nº 1, em Dó maior, Hob.II:25
Beethoven Concerto para Piano e Orquestra nº 2
Beethoven Sinfonia nº 2

14 e 15 de maio
Mozart Concerto para Piano e Orquestra nº 22, K.482
Schubert Seis Danças Alemãs para Piano Solo
Schubert/Webern Seis Danças Alemãs
Schubert Sinfonia nº 5


DM6DDB
Violinos deveriam tocar tanto
quanto telefones.
Patrocinadora da Sociedade de Cultura Artística.
Telefonica

temporada 2002

abril 22, 23 e 24 **Teatro Cultura Artística**
Nikolai Lugansky *Piano*

maio 13, 14 e 15 **Teatro Cultura Artística**
Orchestre de Chambre de Lausanne
Christian Zacharias *Regência e Piano Solista*

junho 3, 4 e 5 **Teatro Cultura Artística**
Academy of St. Martin-in-the-Fields Chamber Ensemble

junho 25, 26 e 27 **Teatro Cultura Artística**
Orquestra do Século XVIII
Thomas Zehetmair *Regência e Violino Solista*

julho 1, 2 e 3 **Teatro Cultura Artística**
Quarteto Beethoven de Roma *Cordas e Piano*

agosto 16 e 17 **Sala São Paulo**
Orquestra Filarmônica de São Petersburgo
Yuri Temirkanov *Regência*
Alexander Toradze *Piano Solista*

agosto 22, 26 e 28 **Teatro Cultura Artística**
Jennifer Larmore *Mezzosoprano*
Antoine Palloc *Piano*

setembro 9, 10 e 11 **Teatro Cultura Artística**
Orchestra of the Age of Enlightenment
Emma Kirkby *Soprano*
Michael Chance *Contratenor*

outubro 22 e 23 **Sala São Paulo**
Orquestra Filarmônica de Dresden
Coro da Igreja da Santa Cruz de Dresden
Roderich Kreile *Regência*

novembro 5, 11 e 12 **Teatro Cultura Artística**
Kremerata Báltica
Gidon Kremer *Regência e Violino Solista*

Sociedade de Cultura Artística
Rua Nestor Pestana, 196 Telefone (5511) 3256 0223
www.culturaartistica.com.br email: cultart@dialdata.com.br

O Piano, do Tambor ao Cântico

O piano, um dos mais completos instrumentos da música ocidental, sempre conviveu com um paradoxo. Por constituição pertencendo à rude família da percussão, ele permanentemente aspirou a cantar com a expressividade sutil das divas do mundo da ópera. De maneira muito diferente da do cravo – instrumento de teclado bem mais antigo, funcionando à base de cordas tangidas, pinçadas, como o alaúde ou a harpa –, o piano teve enquanto princípio gerador do som o duro bater de cordas por meio de martelos.

Em meados do século XVIII, os experimentadores pioneiros do piano – o italiano Cristofori, o francês Marius e o alemão Schröter, dentre outros – partiram de uma mesma idéia de base. Tratava-se de conceber um novo instrumento de teclado que, além de grande projeção sonora, contasse com dinâmicas muito variadas (indo do quase inaudível pianíssimo ao tonitruante fortíssimo) e que também tivesse a possibilidade de dar maior duração aos sons produzidos. De início, ele foi chamado de *fortepiano* ou *pianoforte*, a fim de acentuar essa característica que em definitivo o diferenciava dos cravos e das espinetas, tão em voga na música européia desde o Renascimento.

A história do aperfeiçoamento técnico do piano, que alcançou o seu derradeiro estágio nas primeiras décadas do século XIX, foi marcada por dupla pesquisa. Por um lado, era necessário engendrar um mecanismo que facilitasse a sua abordagem pelos intérpretes. Por outro lado, esse mecanismo deveria efetivar uma amplitude sonora cada vez mais nuançada e arredondada, de timbres cada vez menos percussivos. Sobretudo na França, na Inglaterra e na Áustria, os vários fabricantes encontraram soluções distintas para esse duplo problema, as quais acabariam por levar à soberana configuração do moderno piano de concerto. Hoje, o piano impõe-se como um instrumento tão completo que vem sendo utilizado para realizar todo um repertório criado quando ele ainda nem existia, como o da música barroca.

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791), um dos maiores gênios não apenas do Classicismo como igualmente de toda a História da Música, deixou uma considerável quantidade de obras para os vários instrumentos de tecla existentes em sua época – órgão, cravo e *fortepiano*. Virtuose admirado por colegas e pelo público, ele sempre exibiu nessa faixa da sua produção a incomparável variedade de uma imaginação que só pode mesmo ser chamada de prodigiosa. Em suas obras para o teclado, dão-se as mãos o brilhante virtuosismo e a alta carga expressiva, em percursos onde a elegância jamais é abandonada, nem mesmo na instância do desconsolo e do desespero. Dentro desse universo, as dezoito sonatas que concebeu para o teclado ocupam um lugar de destaque, já pela beleza, já pela originalidade da concepção.

A cativante Sonata em Fá maior, K.533, é obra de ordem compósita, na medida em que Mozart acrescentou aos dois movimentos, escritos em 1788, um rondó na mesma tonalidade redigido dois anos antes e catalogado por Koechel como K.494. Ouvida em um instrumento moderno, essa Sonata coloca em evidência as audácias no manejo do desenvolvimento temático e a riqueza da escrita polifônica do autor.

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827) foi um artista revolucionário em todas as formas que utilizou para se expressar. Aclamado quando jovem pelas proezas que realizava ao teclado, destinou ao seu instrumento predileto um impactante ciclo de trinta e duas Sonatas, além de alentadas coleções de variações e de uma pequena multidão de peças em formatos diversos. Mente profética, Beethoven imaginou para o piano partituras que, do ponto de vista sonoro, só seriam cabalmente realizadas mais tarde, quando o instrumento viria a ganhar a sua fisionomia final e a mais madura.

A Sonata nº 23, *opus* 57, *Appassionata*, pertence ao segundo grupo de obras que ele compôs nesse gênero, entre 1802 e 1814. Contemporânea da Sinfonia Heróica, foi posta no papel no período de 1804 a 1806. Seu título não foi dado pelo autor, que, ao menos, não parece tê-lo desautorizado. Considerando-a à época o seu melhor exemplar nesse formato, o artista recomendou a leitura de *A Tempestade* de Shakespeare a um ouvinte desejoso de saber algo acerca do seu significado. O movimento inicial, construído sobre dois temas aparentados pelo esquema rítmico, é de fato tempestuoso. Contrasta com ele o *Andante con moto* que vem em seguida, uma inesquecível sucessão de variações sobre um motivo de expressão nobre e tocante. Depois de um acorde – como que gritado treze vezes – tem-se o *finale*, em forma rondó-sonata, um novo turbilhonamento repleto de vigor e de rebeldia.

Frédéric Chopin (1810 – 1849), o polonês exilado que viveu a maior parte de sua vida em Paris, foi um dos primeiros criadores do Romantismo a ver no piano o privilegiado porta-voz dessa nova estética. Através dele, suas melodias inesperadas e sinuosas, como os longos colos dos cisnes (na feliz expressão do escritor Marcel Proust), ganharam a mais completa identificação sonora. O mesmo se deu com o arrojo das harmonias estabelecidas em regiões até então desconhecidas e com o fluir de um discurso muito livre que passa a (falsa) impressão de ter sido fruto do improviso. Tudo nele é definitivamente pianístico e, por isso mesmo, impossível de ser "traduzido" para qualquer outro meio sonoro. Não há exagero em afirmar que ouvir as obras para piano de Chopin em outro instrumento é perder muitos dos seus significados mais profundos.

O fundamental do legado chopiniano encontra-se no território do piano, instrumento que ele, simplesmente, reinventou. Graças à sua intervenção, as teclas em branco e preto ganharam a capacidade de "contar" longas e abstratas narrativas como as contidas nas Baladas. Igualmente se deve a ele o estabelecimento do universo estelar de cores sonoras tamisadas encontrado nos Noturnos. E, da mesma forma, a perpétua cintilância do desbravar inéditos espaços técnico-expressivos por meio dos Estudos. Se a música "falasse", Chopin deveria ser tomado como o seu primeiro autêntico poeta, como diagnosticou de imediato o perspicaz Robert Schumann.

Johannes Brahms (1833 – 1897) foi pianista desde a mais tenra idade e durante toda a vida dedicou-se a esse instrumento, enquanto solista, camerista e concertista. Apesar de respeitado intérprete dos grandes autores clássicos, jamais escreveu música verdadeiramente virtuosística para o teclado, como era hábito entre muitos de seus contemporâneos. Mas, ainda que nada pirotécnicas, as partituras pianísticas de Brahms apresentam enormes dificuldades para o executante. Isso porque, sob o prisma musical, são portadoras de extraordinária densidade de escritura. À época, mais de uma vez o seu estilo pianístico foi rotulado de "orquestral", o que dá bem uma medida do seu caráter tão peculiar.

No final de sua existência, já próximo dos 60 anos, Brahms destinou ao piano algumas coletâneas de obras, em geral curtas, que ainda hoje rebrilham em iluminação outonal. Esse é o caso das *Klavierstücke opus* 118, seis peças postas no pentagrama durante o verão de 1893. Se a paixão desabrida toma conta do primeiro

Intermezzo, o segundo é banhado em terna poesia. A *Ballade* que se segue, por sua volta, é dona de ampla, heróica e admirável respiração. Um veemente *Intermezzo* surge então, abrindo espaço para uma *Romanza* singular, de atmosfera pastoral. A coleção é encerrada por um *Intermezzo*, em trágico Mi bemol menor, no qual mais de um comentador já percebeu a sombra da morte.

Serge Rachmaninoff (1873 – 1943) foi um russo que se exilou depois da Revolução, vivendo boa parte de sua vida, de maneira melancólica, entre a Europa e os Estados Unidos. Se em sua terra ele era conhecido como compositor e regente, no Ocidente passou a ser encarado sobretudo como pianista, colocado entre os maiores da época. O suntuoso pianismo de Rachmaninoff é bem uma prova de que o velho ideal romântico da "execução de dificuldade transcendente" conseguiu sobreviver às tempestades criativas trazidas pela radical Modernidade. Na verdade, ele foi um dos derradeiros compositores-virtuoses da linhagem inaugurada, quase um século antes, por Franz Liszt.

Os Seis Momentos Musicais, *opus* 16, escritos nos meses finais de 1896, mostram-nos um compositor maduro, de posse dessa linguagem pessoal que seu autor não mais abandonaria. A espessura da harmonia a sustentar melodias inebriantes está na base desse estilo no qual os tons dolorosos e expressivos são vizinhos de grandes explosões de vertiginosa virtuosidade.

Nikolai Medtner (1879 – 1951) foi outro artista russo que emigrou por motivos políticos. Conheceu sucessos e fracassos em uma carreira centrada na Inglaterra. Anti-modernista ferrenho, escreveu durante a década de 1930 o ensaio A Musa e a Moda, no qual defendia a sua adorada tradição, que desejava colocar a salvo das arriscadas aventuras do século XX. No final da vida, teve a sorte de encontrar no marajá de Misore um admirador e mecenas que financiou a gravação de sua própria obra.

Medtner escreveu, além de cerca de cem canções, numerosa obra para piano, deixando para o instrumento três concertos, doze sonatas e uma enorme quantidade de peças com freqüência intituladas "contos". Extraordinariamente difíceis de serem tocadas, elas receberam influências de Schumann, Brahms e do Scriabin da primeira fase. E, é claro, de Rachmaninoff, que ele idolatrava. As três séries de Melodias Esquecidas foram inauguradas pelas sete *Zabïtïye motivi* (*Vergessene Weisen*), *opus* 38, completadas em 1920. Elas são: *Sonata reminiscenza, Danza graziosa, Danza festiva, Canzona fluviale, Danza rustica, Canzona serenata* e *Danza silvestra alla Reminiscenza*. Derivadas dos grandes mestres do século XIX, essas peças flagram o autor ora um ingênuo, ora um ser sofisticado, por vezes um intelectual às voltas com grandes complexidades rítmicas, outras vezes um apaixonado romântico como que perdido no tempo.

Edição Rui Fontana Lopez
Projeto gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto L. de Almeida
Textos Sociedade de Cultura Artística
Tradução Eduardo Brandão
Editoração eletrônica BVDA / Brasil Verde
Fotolitos e impressão OESP Gráfica

Durante o espetáculo, favor não fumar, não fotografar e

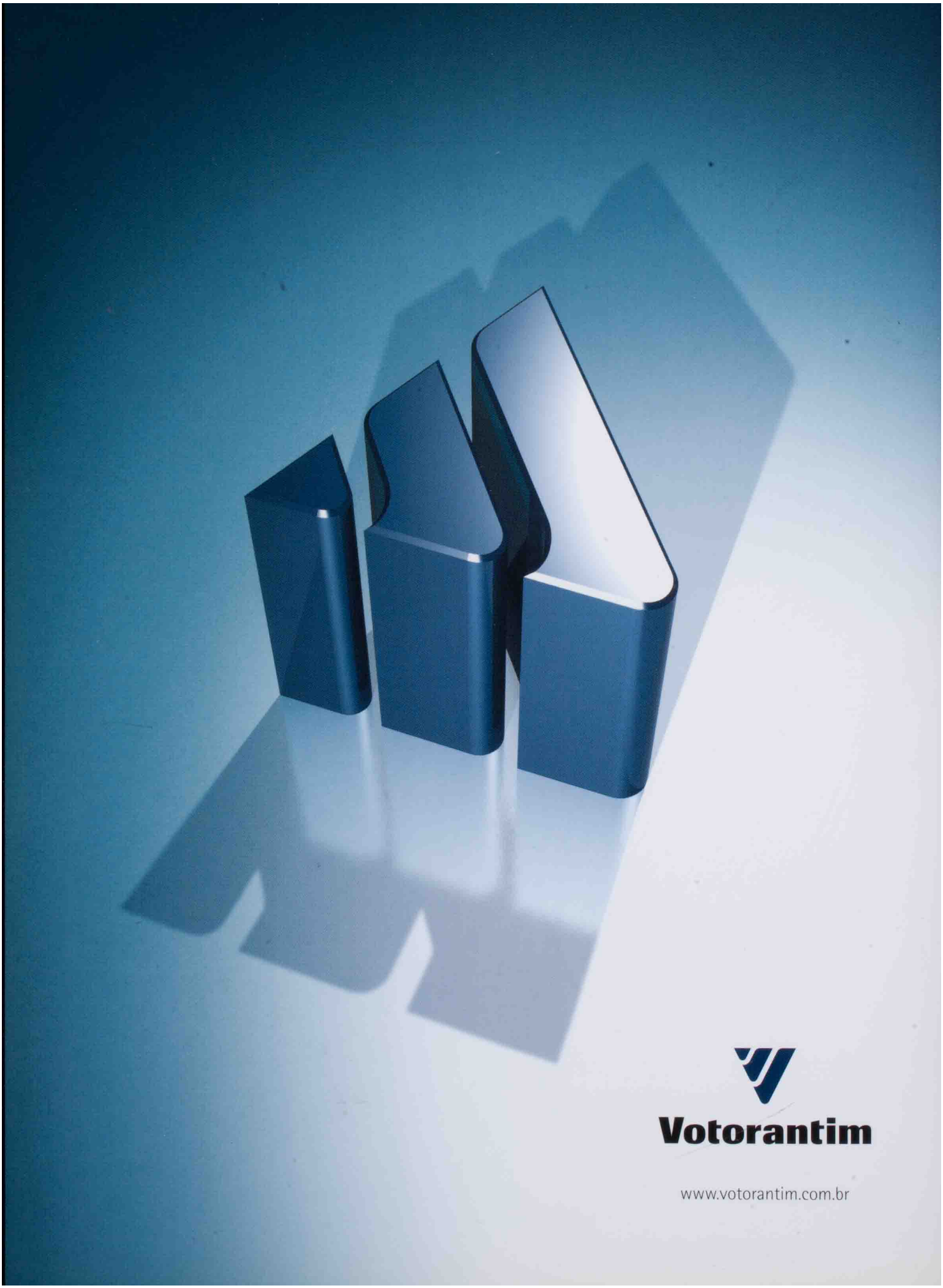
NÃO COMENTAR

sobre o mercado de ações com a pessoa ao lado.

CBLC
Companhia Brasileira
de Liquidação e Custódia

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

É com grande orgulho que, mais uma vez, patrocinamos a Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.


Votorantim
www.votorantim.com.br